



CONSTRUÇÃO DE LIVRO DO CLÁSSICO INFANTIL “CHAPEUZINHO VERMELHO” EM LIBRAS: UM OLHAR SOB A IMAGEM E A SINALIZAÇÃO

Jamille Sousa Duarte; Michelle Mélo Gurjão Roldão

Secretaria de Educação de Campina Grande (SEDUC)

jamille-duarte@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

profa.michellelibras@gmail.com

Resumo: Quando a criança surda chega à escola, normalmente não há domínio de nenhuma língua, e o professor bilíngue será o seu mediador. Para o ensino literário haverá adequações do texto para esses aprendizes, por tratar-se de acesso ao código que faz parte de uma língua diferente da que se fala. Desta forma, nos propomos, neste trabalho, relatar uma experiência de uso de texto não-verbal, como elemento chave para que crianças surdas, com pouco domínio da Libras pudessem ter acesso ao clássico da literatura infantil “Chapeuzinho Vermelho”. Assumimos que a educação de surdos constitui-se do uso da Libras como L1 para que a aprendizagem seja garantida, portanto a Libras esteve presente em todo o contexto de aprendizagem, desde o planejamento pedagógico, acompanhamento das aulas, construção do livro e apresentação do mesmo em outras turmas, gerando assim, um momento de degustação literária na escola. Sendo a Libras uma língua espaço-visual a imagem é utilizada no processo de ensino e aprendizagem porque desperta a atenção da criança surda e sua aprendizagem. A construção do livro com imagens, texto em Língua Portuguesa e desenho com a sinalização das cenas, contribuiu para uma aprendizagem prazerosa permitindo despertar sobre a alimentação saudável, valores da sociedade e nova visão da realidade. Com a vivência realizada sobre a literatura infantil “Chapeuzinho Vermelho” podemos afirmar que houve compreensão da história, ampliação do vocabulário em Libras, conscientização alimentar, e que o apoio do texto não-verbal assimilado pelas crianças surdas, que ainda não dominam a Libras facilita a aprendizagem das mesmas.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Educação de Surdos, Texto não-verbal

Introdução

A criança surda, geralmente, chega à escola bilíngue (ou específica para surdos) sem língua alguma e o professor com proficiência em Libras (Língua Brasileira de Sinais) torna-se mediador no ensino. Com relação ao ensino literário para esses aprendizes ocorrerão adequações do texto, por se tratar do acesso ao código que faz parte de uma língua diferente da que ela fala e o ambiente escolar representará um espaço para este momento, uma vez que a maioria dos pais são ouvintes e desconhecem a Libras, sendo assim não podem ser contadores de histórias para seus filhos.

Deste modo, a escola colabora com momentos de leituras diversificadas com o intuito de favorecer e ampliar o conhecimento de literaturas mundiais para esta clientela, de maneira prazerosa e produtiva.

Nosso artigo relata uma experiência de uso de texto não-verbal, como elemento chave para que crianças surdas, com pouco domínio da Libras pudessem ter acesso ao clássico da





VII ENLIJE

literatura infantil “Chapeuzinho Vermelho”, e ampliação de vocabulário tanto em Libras quanto em Língua Portuguesa.

Isto posto, assumimos que a educação de surdos constitui-se do uso da Libras como L1 para que a aprendizagem seja garantida, portanto a Libras esteve presente em todo o contexto de aprendizagem, desde o planejamento pedagógico, acompanhamento das aulas, construção do livro e apresentação do mesmo em outras turmas, gerando assim, um momento de degustação literária na escola.

Metodologia

Para o presente trabalho, realizamos pesquisas das literaturas infantis conhecidas mundialmente, e percebemos que com “ilustração pictórica da forma do sinal”, como classificam Capovilla e Raphael, existem a História dos Três Porquinhos, Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho, como representações em desenho, números de páginas e ilustração pictórica da forma do sinal estavam mais adequados à idade das crianças, optamos pela história de Chapeuzinho Vermelho. Assim como a construção da história para cada aluno, conto e reconto em sala, culminando com reconto por parte das crianças em outras turmas.

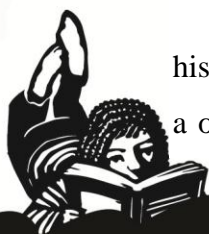
Neste momento iremos relatar as etapas para desenvolvimento da proposta:

1ª Etapa - “Estudos sobre Literatura Infantil”: neste momento fizemos um resgate sobre a literatura infantil mundial, observamos quais histórias apresentavam a forma de ilustração pictórica da forma do sinal, representação em desenho das cenas relacionadas a história para que não houvesse compreensão errônea sobre o que gostaríamos de apresentar às crianças e possibilidade de construir com elas o livro da história selecionada.

2ª Etapa – “Planejamento Pedagógico”: Organização das etapas a serem vivenciadas.

3ª Etapa - “Exposição e contação da história”: As cenas foram ampliadas assim como a ilustração pictórica da forma do sinal (que a princípio ficou escondida sob um TNT), para a contação e reconhecimento das cenas. Algumas crianças estavam familiarizadas com a figura da Chapeuzinho Vermelho, e souberam explicar ligeiramente que a Chapeuzinho Vermelho havia desobedecido a mãe e que tinha o lobo. De posse de tais informações, fomos aos poucos, mostrando os desenhos das cenas conversando sobre o que estavam vendo, e em seguida revelávamos a ilustração pictórica da forma do sinal, e as próprias crianças demonstraram interesse em copiar os sinais, assim seguimos nas demais cenas da história.

4ª Etapa – “Trabalhando valores”: neste momento atentamos para alguns valores que a história nos apresenta, resgatamos a obediência e a alimentação. Para o momento relacionado a obediência as crianças expuseram momentos que passaram, de quedas, de adoecer porque





VII ENLIJE

desobedeceram. Com relação a alimentação, o que Chapeuzinho trazia na cesta para a vovó, uma criança lembrou que a avó não podia comer doces. E logo remetemos o que pode o doce em excesso ocasionar no nosso corpo, lembrando dos nossos dentinhos.

5ª Etapa – “Estudo vocabular”: diante de novos sinais em Libras e palavras em Língua Portuguesa, fizemos um pequeno dicionário da história Chapeuzinho Vermelho e deixamos exposto na sala de aula.

6ª Etapa “Construção do livro de Chapeuzinho Vermelho”: as mesmas cenas mostradas as crianças foram impressas e entregue a elas, para que pudessem pintar, organizar em sequencia de fatos, assim como identificar a ilustração pictórica da forma do sinal correspondente a cada cena. Colamos em cartolina, escolhida a cor que cada um desejou.

7ª Etapa – “Conto e reconto da história”: Cada criança de posse do seu livro da Chapeuzinho Vermelho, puderam, em formato de roda, contar e recontar a história. Foi respeitado os que quiseram participar deste momento e os que não tinham vontade. Em seguida, previamente avisados, passamos nas outras turmas e apresentamos o livro que foi construído, contando a história para as outras crianças.

Estes momentos vivenciados podem ser realizados com outras histórias, tanto do universo da literatura infantil universal, como contos de isopor, lendas, histórias criadas por eles, entre outras. Momentos enriquecedores para as crianças que participam e muito mais para o profissional que atua nesta perspectiva de ensino a surdos, consciente do seu papel como mediador.

Resultados

Diante da proposta de trabalho para o presente artigo, mostraremos os resultados da construção do livro da História da Chapeuzinho Vermelho realizado em sala de aula e a importância de um material que apresenta a ilustração pictórica dos sinais para os familiares, uma vez que muitos são ouvintes e ainda não usuários da Libras.

A construção do livro trouxe para as crianças o mundo da imaginação, onde puderam, através da leitura dos desenhos das cenas, viajarem, contarem o que estavam vendo e imaginando, tiveram a oportunidade de ampliar o vocabulário tanto em Libras quanto em Língua Portuguesa, despertaram a desenvoltura em apresentar uma história para os colegas de sala e para das outras turmas, além de poder construir, com desenhos de imagens das cenas pré definidos, os livros, fazendo uso de matérias adequados para a arte.

Aproveitamos que a história da Chapeuzinho Vermelho falava sobre obediência e despertamos nas crianças a importância de respeitar os pais ou responsáveis, mesmo sem





VII ENLIJE

saber o motivo pelo qual eles não permitem ou pedem que seja feito de outra forma, sendo estes os valores da nossa sociedade, despertando neles uma nova visão da realidade. Também desfrutamos da oportunidade de trabalhar alimentação, pois na maioria das vezes os alunos trazem para seus lanches alimentos que não são saudáveis, e mostramos como nosso corpo pode responder ao excesso de alimentos industrializados e que não são tão saudáveis.

O material quando mostrado aos familiares, nos propomos a explicar o que foi realizado em sala de aula com as crianças e explicamos o uso das ilustrações pictográficas dos sinais, para que pudessem ter acesso também a ampliação do vocabulário em Libras, o que os deixou surpresos com a riqueza do que estava sendo proposto para as crianças.

Discussão

Para a construção do livro do clássico infantil Chapeuzinho Vermelho, realizamos estudo bibliográfico sobre literatura infantil, literatura infantil para surdos, sobre a Libras como L1 e Língua Portuguesa como L2, assim como o uso da imagem e do das ilustrações pictográficas dos sinais.

Sabemos que contar histórias é uma prática privilegiada para a transmissão dos conhecimentos e valores da humanidade, e isto ocorre desde os primórdios na história da humanidade. Para Vieira (2005, p. 08):

As histórias falam-nos da realidade interior na construção das nossas culturas, de como se constituíram as estruturas psicológicas das pessoas e dos grupos humanos. As histórias de ficção, e muito especialmente as narrativas que vêm do folclore, os mitos, as lendas, os contos de fadas, se apresentam como a maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar aquelas experiências que não encontram condições de se explicar no esquema lógico-formal da narrativa intencionalmente objetiva.

Para tanto, estes momentos de acesso a literatura infantil trás as crianças a cultura da nossa sociedade, assim como podem se transpor no mundo imaginário, nela apresentam fatos e verdades expressas, que não conseguimos identificar pela lógica, para Coelho (2005) “é além do prazer e das emoções do leitor, ao participar de tais aventuras, lhe dá grandes lições de sabedoria e de vida”, permitindo refletir que vai além do que refletimos sobre a literatura infantil ser diminuída diante de outras literaturas, mas que todos já tiveram, e que continuam tendo, acesso a este acervo, assim “é preciso descobrir que os contos de fadas tem na base da vida real, e que a literatura infantil não é ‘infantil’ ou pueril, como o senso comum (distraindo) a considera. E acima de tudo é um excelente meio de educação a ser explorado” (p.12).





VII ENLIJE

Vieira (2005) ainda atenta para que os contos de fadas seja narrativas simbólicas simples, primitivas, capazes de transmitir “experiências subjetivas complexas e vivências emocionais delicadas” às crianças. A importância dos contos de fadas atravessa décadas e faixa etária, pois através destas histórias, de suas ideias, servem de inspiração para muitas outras histórias e vivências. Assim, a autora continua:

as lendas e as histórias de fadas são incluídas hoje no acervo básico da literatura infantil porque as crianças se apossam delas, enquanto o público mais sofisticado as considera uma literatura de menor significado. Mas não há quem desconheça os grandes artistas, inclusive escritores de todos de todos os tempos, buscaram e buscam inspiração constantemente nas manifestações mais primitivas de sua cultura. (p. 09)

Portanto, percebemos que a literatura infantil tem importância da vida das crianças, no despertar para o bem ou para o mal, de poder se ver em dados momentos de uma história, de sua vida, sem que possa externalizar, mas que pode trazer para si algo que foi refletido em uma história contada em sala de aula. Por isso, acreditamos com a autora quando ela comenta que “o conto de fadas é um encorajador na luta da vida, em que se valoriza os princípios éticos na relação com o outro: o mal é denunciado e o bem valorizado”(p. 09).

A contação e acesso a histórias é importante para todas as crianças, então não podemos privar as crianças surdas deste universo, cheio de possibilidades, que a própria literatura infantil propõe. Por isso, Ramirez (2009, p. 12-13) coloca:

O diferencial no ensino de surdos pode residir principalmente nas formas de mediação com análises meticulosas da forma de estruturação e processamento do conhecimento que se dá por meio de uma língua viso-cinésico-gestual e uma cultura organizada visualmente.

Desse modo, as crianças surdas tem sido privadas do contato com as literaturas infantis tanto no ambiente familiar, quanto em ambientes escolares. Para Castro (2012, p. 60):

Traduções de fábulas do português para a língua de sinais possibilitará a formação de significados na narrativa pelos surdos, cumprindo então o objetivo das fábulas na formação do conjunto de valores que vão constituir os indivíduos como sujeitos inseridos em uma cultura.

A partir de momentos como estes as crianças poderão usufruir da literatura universal.

Embora Plaza (2003, P.52) não tenha se referido diretamente aos surdos, ele conseguiu compreender e repassar a importância do signo visual:





VII ENLIJE

A percepção visual atua recebendo informações sob a forma de textos, imagens, cores em termos de “imagens mentais”. O seu registro é feito pela exploração do campo visual, conjugando a percepção global ou simultânea e a linear. Contudo, estes aspectos, que permitem a captação da informação visual, que podem ser organizados a partir da própria constituição signica. Isto é, quando organizamos o signo, estamos também organizando a construção do olhar. Assim o olho não é somente um receptor passivo, mas formador de olhares, formador de Objetos Imediatos da percepção.

Sabemos que o sujeito surdo percebe e compreende o mundo pelo contato visual, e é através desse modo de ver o mundo que ele constrói e desconstrói seu pensamento.

Normalmente nos deparamos no ensino para surdos com o uso de imagens. Zimmermann *et al* (2006) relata em seu trabalho a cautela ao usar imagens, pois estas não falam por si só, e devemos entender que a mesma é lida através da bagagem que carregamos em cada um de nós, da nossa leitura de mundo. Para tanto, Santos e Carvalho (2017, p. 29) em seu trabalho discorre:

A utilização das imagens é o recurso primordial na metodologia de ensino para surdos, e, de acordo com as leituras realizadas, as crianças surdas se saem muito bem durante as atividades artísticas e para isso a orientação do professor para atingir este sucesso é relevante.

A utilização das imagens transcende as aulas, perpassando pelo ensino e aprendizagem, como pode ser aprofundado na Pedagogia Visual, proposta por Perlin e Strobel (2006). Para que não haja mal entendido na interpretação das imagens que propomos usar em sala de aula precisamos analisá-la, pensar e repensar a seu respeito.

Desta maneira, devemos ter o cuidado com as imagens pictográficas utilizadas para compreensão da proposta pois, para Capovilla e Raphael (2011, p.xx):

Trata-se da ilustração em vida real da forma do sinal. Tal ilustração permite o reconhecimento visual direto do sinal e a aprendizagem de sua composição quírmica, prescindindo da mediação de descrições quírmicas complexas que seriam impraticáveis para criança surda, embora sejam de grande interesse para o leitor ouvinte. Tal retrato ocorrem em estágios de movimento, de 1 a 8, dependendo da complexidade dos movimentos envolvidos no sinal. Aparecem, também, setas ilustrando o tipo de movimento, sua direção, seu formato e sua amplitude, bem como as partes do corpo envolvidas. Nas ilustrações da forma do sinal, a estilização do modelo de sinalização objetiva levar a criança a concentrar-se puramente na forma do sinal, o que reduz elementos periféricos de importância secundária que, de outro modo, poderiam acarretar confusão ou distração.

As imagens pictográficas dos sinais não foram do dicionário de Capovilla e Raphael, mas sim da revista *Projetos Escolas* que dimensionam de maneira clara a estrutura relatada pelos autores.





VII ENLIJE

Também percebemos a importância das imagens pictográficas dos sinais para falantes da Libras como L1, poderão ter a compreensão da realização de um sinal sem que tenham algum utente da Libras por perto para sinalizá-lo.

A partir dessa premissa, a escola deve ter como princípio promover estratégias que permitam tanto o desenvolvimento linguístico (L1 e L2) e o uso da literatura representa um desses meios.

Esse desenvolvimento da Libras permite ao surdo utilizar esta língua enquanto L1 para interagir e adquirir conhecimentos, desta forma, Freire (2000, p.11), postula que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, assim, a Libras proporciona aos surdos os primeiros contatos com a realidade a sua volta, efetivando a leitura através dos sinais. Nesse sentido, é relevante que os surdos aprendam a língua de sinais como L1 e a língua portuguesa na modalidade escrita, sendo essa a segunda língua (L2). Albano diz:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente de comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nesta corrente é que sua consciência começa a operar. (...) Os sujeitos não “adquirem” a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (ALBANO, 1990. P. 108).

Assim, quando os aprendizes iniciam seus estudos acadêmicos buscam a igualdade de oportunidades, a aprendizagem da (L1 e L2) e um ensino de qualidade, e para tanto é fundamental que os professores tenham conhecimento acerca das singularidades linguísticas e culturais desses estudantes.

Portanto, somente a partir da aprendizagem da Libras poderão realmente efetivar a comunicação e aprendizagem. Desta forma, é importante que a criança tenha a oportunidade, o mais cedo possível, de estar em um ambiente onde se fale sua língua e que, preferencialmente, esteja com pessoas adultas surdas que irão alfabetizá-las em sua língua materna.

Conclusões

A sala de aula pode ser vista como um desafio diariamente, pela diversidade que encontramos, pelas oportunidades variadas de promover o ensino e aprendizagem, considerando inclusive a formação e aprendizagem do próprio professor.

A seleção das habilidades a serem trabalhadas em sala de aula e o como trabalhar necessita de atenção e planejamento dos profissionais envolvidos, pois há de ser pensado cada





VII ENLIJE

passo para que os alunos tenham a melhor forma de adquirir a aprendizagem do que esta sendo proposto.

Os clássicos infantis além de trazer para a sala de aula a essência da vivência do faz de conta e a imaginação, trás consigo valores e transpõe os pensamentos e experiências das crianças, assim como pudemos abordar alguns valores acerca do respeito e da boa alimentação. Percebemos que a escolha da Chapeuzinho Vermelho trouxe pontos positivos a serem abordados, nos ofertando um leque de metas a serem conquistadas em sala de aula, trabalhados de maneira lúdica e enfatizando o respeito bem como a realização do piquenique para a construção e o saber de uma alimentação saudável.

Os estudos com relação à Literatura Infantil despertaram não apenas nas crianças o gosto pela leitura e o despertar para a literatura, como fez com que os profissionais envolvidos sentissem vontade de aprofundar seus conhecimentos na área e em especificamente para crianças surdas.

Portanto, percebemos que a experiência de construção do livro da Chapeuzinho Vermelho na sala de aula para crianças surdas teve seu objetivo alcançado, na área de leitura da literatura, arte, aquisição de vocabulário em Liras e Língua Portuguesa, como foi além, pois despertou o interesse pela leitura e literatura, assim como dos profissionais envolvidos.

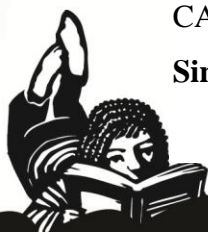
Também podemos solidificar que para as famílias ter posse de um material que os ajude na aprendizagem da língua do seu familiar surdo foi promover mais interação e respeito ao surdo, foi solidificar as relações.

Por fim, percebemos que foi relevante para as crianças surdas, seus familiares e profissionais que atuam com surdos a aprendizagem sobre Literatura Infantil voltada ao entorno da educação de surdos, a relevância da arte para a construção, o saber das imagens pictográficas, o ensino de Libras como L1 e Língua Portuguesa como L2 para os alunos surdos e Libras como L2 para os familiares destas crianças. Tornando assim, um material rico para que essas crianças continuem sendo inseridas na sociedade sem prejuízos.

Referências

ALBANO, E. **Da fala à linguagem: tocando de ouvindo**. São Paulo: Martins Fontes:1990.

CAPOVILLA, Fernando César e RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Enciclopédia da Língua Sinais Brasileira. O Mundo do Surdo em Libras**. Volume 2. São Paulo: EdUSP, 2011.





VII ENLIJE

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: o imaginário infantil e a educação.** Criança Revista do professor de Educação Infantil. Ministério da Educação. Edição Janeiro de 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos.** 6ª reimpressão, Editora UNESP, São Paulo. SP. 2000. P.11.

SANTOS, Cristiane do Socorro dos. **O Ensino de Arte para alunos Surdos: uma pesquisa sobre metodologia.** Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Artes Visuais. 2017. 54pp

VIEIRA, Isabel Maria de Cravalho. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil.** Criança Revista do professor de Educação Infantil. Ministério da Educação. Edição Janeiro de 2005.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2003. CASTRO, Nelson Pimenta. **Seis Fábulas de Esopo em LSB vol. 1.** Rio de Janeiro RJ: Editora LSB Vídeo, 2002, livro digital em DVD.

RAMIREZ, Alejandro Rafael Garcia ET al. **A Educação de Surdos em uma Perspectiva Bilíngue.** Editora da UFSC. Florianópolis. 2009. 101p

ZIMMERMANN, Erika, SILVA, Henrique Cesar da, CARNEIRO, Maria Helena da Silva, GASTAL, Maria Luiza, CASSIANO, Webster Spiguel. **Cautela ao usar de imagens em aulas de Ciências.** IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Ciência e Educação (Bauru). *Online version* ISSN 1980-850x. vol 12 no 2, Bauru, May/Aug, 2006.

